



Afetividade e a relação pedagógica entre professores e estudantes do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana: implicações no processo de aprendizagem e de construção da identidade docente

Affectivity and the pedagogical relationship between teachers and students of the Physical Education course at the State University of Feira de Santana: implications for the learning process and the construction of teaching identity



Líbia Araujo da Luz

Licenciada em Pedagogia

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Feira de Santana, Bahia – Brasil.

libiaaraujodaluz@gmail.com



Evódio Mauricio Oliveira Ramos

Doutor em Educação

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Feira de Santana, Bahia – Brasil.

emoramos@uefs.br

Resumo: Partindo do pressuposto de que a relação educativa e a aprendizagem estão imbricadas com a afetividade, esta pesquisa buscou compreender as representações que os estudantes de Educação Física produzem sobre afetividade na relação professor/estudante e as implicações na aprendizagem profissional e na construção da identidade docente. Os aportes teóricos estão fundamentados em Santos e Palma (2017), Mota (2017), Luz, Ramos e Ribeiro (2020) e Matos, Nista-Piccolo e Borges (2016), dentre outros. Para a produção dos dados foram aplicadas entrevistas semiestruturadas e para análise recorreu-se à Análise Textual Discursiva (ATD). Tendo em vista a formação de professores de Educação Física e a afetividade na construção identitária e profissional, foi evidenciado que o trato da dimensão afetiva reverbera na identificação dos estudantes com seus professores no que diz respeito ao profissionalismo e ao comprometimento que estes docentes demonstram na atuação da profissão, reconhecendo a afetividade como um eixo propulsor na construção de saberes e práticas docentes.

Palavras chave: afetividade; ATD; Educação Física; docência universitária; relação pedagógica.

Abstract: Assuming that the educational relationship and learning are intertwined with affectivity, this research sought to understand the representations that Physical Education students produce about affectivity in the teacher/student relationship and the implications for professional learning and the construction of the teaching identity. The theoretical contributions are based on Santos and Palma (2017), Mota (2017), Luz, Ramos and Ribeiro (2020), Matos, Nista-Piccolo and Borges (2016), among others. For data production, semi-structured interviews were applied and for analysis, Discursive Textual Analysis (DTA) was used. Considering the training of physical education teachers and the affectivity in the construction of identity and professional, it was evidenced that the treatment of the affective dimension reverberates in the identification of students with their teachers with regard to the professionalism and commitment that these teachers demonstrate in the performance of the profession, recognizing affectivity as a driving force in the construction of knowledge and teaching practices.

Keywords: affectivity; ATD; physical education; university teaching; pedagogical relationship.

Cite como

(*ABNT NBR 6023:2018*)

LUZ, Líbia Araujo da; RAMOS, Evódio Mauricio Oliveira. Afetividade e a relação pedagógica entre professores e estudantes do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana: implicações no processo de aprendizagem e de construção da identidade docente. *Dialogia*, São Paulo, n. 46, p. 1-17, e24065, maio/ago. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/46.2023.24065>

American Psychological Association (APA)

Luz, L. A., & Ramos, E. M. O. (2023, set./dez.). Afetividade e a relação pedagógica entre professores e estudantes do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana: implicações no processo de aprendizagem e de construção da identidade docente. *Dialogia*, São Paulo, 46, p. 1-17, e24065. <https://doi.org/10.5585/46.2023.24065>

1 Introdução

No campo da docência universitária, nota-se uma busca por avanços didático-metodológicos e melhorias da aprendizagem na formação profissional, aspecto que vem mobilizando reflexões e ressignificações da prática educativa em diversas áreas. O movimento pela compreensão deste processo de formação e de atuação docente é atravessado diretamente pela relação entre o professor e o estudante.

A formação identitária fundamenta-se nos saberes que competem à profissão, envolvendo dimensões de natureza técnica, pedagógica, ética, política e, principalmente, afetiva. Dessa forma, a trajetória docente é constituída pela apropriação dos saberes e a construção de sua identidade é ressignificada permanentemente pelos acontecimentos geradores de experiência, a qual possibilita a articulação entre os processos de formação e de atuação engajados com a transformação da realidade e dos sujeitos envolvidos. Destarte, o saber relacionado à dimensão afetiva possibilita uma mudança significativa para o fazer docente, contribuindo para a criação de vínculos entre o educador e o educando. Estudos de Luz, Ramos e Ribeiro (2020) e Oliveira, Ribeiro e Luz (2020) ratificam as implicações afetivas como fundamentais na construção de uma relação educativa dialógica. Nesse sentido, este artigo busca compreender as representações que os estudantes de Educação Física (EF) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) produzem sobre afetividade na relação professor/estudante e as implicações na aprendizagem profissional e na construção da identidade docente.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do referido curso, a preparação do estudante para a atuação do magistério na educação básica assume uma perspectiva de formação e de atuação com vistas à formação humana, à promoção da cultura corporal e ao fomento às dimensões relacionadas ao lazer, à saúde e à cidadania. Nesse sentido, as experiências vivenciadas no cotidiano acadêmico contribuem para o aprendizado da profissão, principalmente quando professores assumem posturas reflexivas e práticas afetivas, podendo contribuir de maneira significativa para a identificação dos estudantes com o ato de ensinar. A influência dos professores nesse percurso reforça as construções sociais existentes e contribui para a formação da identidade profissional docente (RAMOS, 2018). Assim, a relação professor/estudante pode ser um balizador para as reflexões da futura prática pedagógica, tornando o processo de aprendizagem significativo e cheio de sentidos para os sujeitos neles envolvidos.

Sobre os procedimentos metodológicos, este estudo, adotando uma abordagem qualitativa de caráter descritivo (MINAYO, 2010), valeu-se da entrevista semiestruturada como dispositivo para a produção dos dados, tendo como foco as narrativas dos estudantes (GHEDIN; FREITAS,

2015). Para a análise dos dados produzidos, foi utilizada a Análise Textual Discursiva (ATD) (MORAES e GALIAZZI, 2016).

Com os achados da pesquisa, esperamos potencializar o debate sobre o desenvolvimento de estratégias de ensino e aprendizagem na universidade de forma mais qualificada e adequada aos novos modos de conceber a docência e a formação de profissionais para o novo mundo do trabalho e das relações. Que porventura este debate teórico possibilite novos olhares sobre a docência, promovendo a reflexão crítica da prática docente e o repensar do currículo acadêmico e das relações entre os envolvidos no processo educativo.

2 A Educação Física e o diálogo com a afetividade na construção da identidade docente

A Educação Física é uma área que carrega consigo tensionamentos e estereótipos construídos ao longo dos anos, devido a uma construção histórica que a fez servir a interesses diversos, tais como o adestramento físico, a preparação e domesticação dos corpos para o trabalho manual, a legitimação de práticas higienistas no campo da saúde e a assepsia moral e alienação política vinculadas a práticas corporais reducionistas e conservadoras, perspectiva que vem sendo questionada e superada ao longo das últimas décadas. Essa gama de elementos leva o professor a adotar múltiplas identidades, ora ratificando uma visão tecnicista e fragmentada de educação, ora buscando desconstruir conceitos pré-concebidos, avançando na consolidação de uma prática humanística, crítica e contextualizada. Nesse sentido, é fato que o professor constrói a sua identidade a partir do seu processo de formação, e esse movimento inclui os fatores pessoais vividos antes, durante e depois da graduação, sendo um processo de formação contínua, movimento pelo qual o profissional adquire valores, normas e saberes que são construídos e reconstruídos ao longo de sua trajetória (SANTOS e PALMA, 2017).

A partir da promulgação da Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), foi possível notar avanços consideráveis para a área da Educação Física, quando esta passou a constar no currículo escolar como componente curricular obrigatório (BRASIL, 1996). A partir desse marco, a EF passa a ser concebida de forma mais integrada aos processos formativos no contexto escolar, sendo parte fundamental do processo educativo. É pertinente considerarmos que, a partir dessa concepção (e sua subsequente prática), foi possível desenvolver aspectos relacionados à dimensão social e afetiva, desvinculando-se da visão fragmentada que compreendia apenas o aspecto físico, as habilidades e a técnica. Pudemos constatar que é papel do professor entender que sua função não é meramente repassar de forma bancária os conteúdos científicos, mas participar da formação integral do sujeito considerando seus pensamentos, emoções, vontades, necessidades e processos de constantes transformações (SANTOS e PALMA,

2017). Um ambiente formativo democrático, participativo, coletivo e afetivo na universidade propicia uma relação pedagógica carregada de compromisso e afeto, atenta aos estudantes e às suas dificuldades, tendo entre suas implicações a melhoria da qualidade dos processos de produção de conhecimento e a consolidação de professores e estudantes engajados na reflexão de tais ações educativas.

Dessa forma, reconhecemos a dimensão da afetividade ligada ao processo de desenvolvimento humano e às interações sociais que estão presentes nas atividades escolares, sendo a EF um componente educacional que se relaciona com aspectos fundamentais do ser humano e que favorece a formação de habilidades cognitivas, afetivo-sociais e motoras. Trata-se de uma área de conhecimento que, ao fazer parte do currículo escolar desde a educação básica, oportuniza a reflexão sobre esses elementos da afetividade, valorizando a corporeidade e as múltiplas relações sociais que vão se estabelecendo com o corpo no cotidiano.

A partir dessa perspectiva, é de fundamental importância se pensar a formação do profissional docente de EF. Não cabe mais ao professor da atualidade a mera transferência de conteúdos ou a aplicação de atividades desconectadas da realidade presente em sala. É necessário um domínio do saber que valorize as potencialidades e os aspectos socioafetivos. O professor atento deve escutar e procurar entender as demandas dos estudantes, atrelando os conteúdos às necessidades formativas destes, estimulando-os à prática da reflexão e ao protagonismo social. Para que a aprendizagem seja significativa, é preciso que haja uma relação de parceria entre o professor e o estudante, sendo importante compreender as singularidades no processo educativo.

A forma como o futuro docente encara a formação inicial terá reflexos no profissional que ele se tornará e na sua atenção sobre a realidade e as necessidades educacionais, bem como no seu comprometimento e respeito pela área de atuação (SANTOS e PALMA, 2017). De acordo com Matos, Nista-Piccolo e Borges (2016, p.51), “A etapa de formação inicial docente tem uma função fundamental no desenvolvimento da identidade profissional, pois os acadêmicos (re)conhecem no papel do professor seus saberes, competências e habilidades”. Assim, compreendemos que a referência dos professores formadores é fundamental para o futuro profissional dos estudantes; os saberes e habilidades são essenciais para sua atuação, mas o indivíduo deve desenvolver sua própria identidade, reconhecendo-se como docente (MATOS; NISTA-PICCOLO; BORGES, 2016). Como é dito por Santos e Palma (2017), podemos compreender que a identidade profissional docente é o que caracteriza o professor, sendo suas ações o reflexo desta. As experiências desse profissional podem evoluir e ressignificar com o tempo; desse modo, vão se constituindo antes mesmo do ingresso no ensino superior.

3 Descrevendo os caminhos metodológicos da pesquisa

Ao optarmos por uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, buscamos inferir sobre os fenômenos sociais e o complexo universo de significados e aspirações que desvendam a natureza histórica construída pelos atores sociais (MINAYO, 2010). Assim, analisamos as narrativas dos estudantes através da representação que fazem na relação com seus professores, visto que são os protagonistas do processo formativo e da futura atuação profissional.

Nesse sentido, inspiramo-nos na pesquisa narrativa, a fim de valorizar as narrativas de formação e seus movimentos reflexivos. De acordo com Ghedin e Freitas (2015), com o uso da entrevista narrativa, é possível salientar que,

Ao narrar de maneira reflexiva suas experiências aos outros, o professor aprende e ensina. Aprende, porque, ao narrar, organiza suas ideias, sistematiza suas experiências, produz sentido a elas e, portanto, novos aprendizados para si. Ensina, porque o outro, diante das narrativas e dos saberes de experiências do colega, pode (res)significar seus próprios saberes e experiências. (GHEDIN; FREITAS, 2015, p.124)

Os participantes da pesquisa foram estudantes do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), cursando 6º, 7º e 8º semestres. Essa escolha é justificada por acreditarmos que os estudantes estão vivenciando um momento mais amadurecido da trajetória acadêmica e com mais experiência na relação com os professores, contemplando, assim, os objetivos do estudo. Entre os entrevistados, houve predominância do gênero feminino, sendo 3 homens e 9 mulheres com idades variando entre 22 e 27 anos, identificados na discussão dos dados pelas letras iniciais do seu primeiro e último nome.

As entrevistas aconteceram totalmente de forma *on-line*, devido ao Decreto nº 19.529, de 16 de março de 2020, sancionado pelo Governo do Estado da Bahia (BAHIA, 2020) em decorrência da pandemia de COVID-19, o qual estabeleceu o isolamento social e a suspensão das atividades presenciais no âmbito do campus universitário, restringindo as atividades para a modalidade remota, sem contato presencial. As entrevistas foram realizadas por videoconferência e chamadas de voz, com a utilização das interfaces do *Google Meet* e do *WhatsApp*, devido à facilidade de acesso, manuseio e estabilidade de conexões de internet dos participantes.

Para a análise dos dados, utilizamos a Análise Textual Discursiva (ATD), cuja finalidade foi produzir compreensões sobre determinados fenômenos e discursos (MORAES e GALIAZZI, 2016). Dessa forma, a ATD nos possibilitou um olhar descritivo e reflexivo sobre as informações obtidas através das seguintes fases: unitarização, que são unidades de significados geradores de conjuntos de unitários; categorização, que se dá a partir da identificação de relações entre os elementos unitários, podendo gerar vários níveis de categorias de análise; e elaboração de

metatextos, na qual ocorre a produção de sínteses e compreensões acerca do fenômeno para posterior validação e comunicação.

Sobre os procedimentos éticos, foram respeitadas e cumpridas todas as normas previstas na Resolução 466/2012¹, que regulamenta os cuidados necessários aos procedimentos éticos com pesquisas, sendo essa pesquisa submetida e aprovada pela Comissão de Ética em Pesquisa da UEFS, tendo sua aprovação anunciada pelo Parecer nº 020/2019.

4 Saberes da dimensão afetiva: o que dizem os estudantes

Atualmente, o tema da afetividade vem sendo abordado com mais ênfase no que diz respeito ao âmbito educacional e acadêmico, sendo a afetividade compreendida como a representação das emoções e sentimentos, uma vez que a partir dela se materializam as ações de respeito, cuidado, empatia e compromisso com o outro. Esse movimento permite que se estreitem os laços na relação educativa, possibilitando uma proximidade respeitosa e cuidadosa entre professor e estudante.

Sobre o conceito de afetividade, os participantes apresentaram alinhamento com a perspectiva trazida na literatura ao relacionarem-na com o comprometimento e a empatia com o outro, como é observado nos excertos abaixo.

[...] afetividade pode ser entendida ou então definida como a nossa capacidade de expressar nossas emoções, nossos sentimentos, aquilo que pode nos ajudar a conviver com as pessoas de uma forma mais humana, mais responsável com o outro. Acredito que através dela nós mantemos o nosso laço de amor, de carinho, de amizade, nossos sentimentos de modo geral. [...] e não se traduz apenas no abraçar, no beijar ou algo do tipo, vai para além disso, pode ser uma ação responsável com o outro, uma ajuda ao próximo, ao colega, ao semelhante. (J.C.)

Para mim afetividade é ter afeto! [...] uma capacidade de ter uma empatia com o outro, de entender. Afetividade para mim também é ter um carinho, estar junto para o que precisar. (L.S.)

Dessa forma, entendem a afetividade como um sentimento ou algo que pode ser demonstrado através da empatia, do carinho, da preocupação com o outro, de se importar com ele e ajudá-lo. Esse movimento afetivo possibilita o desenvolvimento do campo cognitivo, podendo ser fortalecido por experiências atuais e anteriores vivenciadas pelos sujeitos no que diz respeito a atividades intelectuais que podem contribuir para a modificação da sua forma de pensar e agir (MOTA, 2017).

¹ Resolução aprovada no Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua 240ª Reunião Ordinária, realizada nos dias 11 e 12 de dezembro de 2012.

Quando questionados sobre como a afetividade exerce influência positiva na aprendizagem no ensino universitário, os participantes elencaram, entre outros fatores, a facilitação para assimilação dos conteúdos, como é evidenciado nas narrativas do estudante A.E e L.A.

[...] um professor afetivo, que entenda mais o lado do aluno, seja mais sensitivo, eu acho que isso torna o ensino da disciplina mais fácil e também a imagem dele dar mais segurança aos alunos de saber que tem um professor que pode contar, que tem um professor que é tranquilo, é gente boa na relação entre professor e aluno, na relação do ensino em si. (A.E.)

[...] a afetividade nessa influência vai ajudar muito nas relações, e ajudando as relações eu acho que vai possibilitar que o aluno tenha mais interesse na questão da aprendizagem, e que se torna uma coisa mais fácil, já que vai se ter essa boa relação. L.A.

A afetividade, segundo os entrevistados, influencia de forma positiva, uma vez que facilita a aprendizagem, o entendimento, a compreensão, o convívio entre o docente e os estudantes. De acordo com os participantes, a boa relação estabelecida com professores mais afetivos, abertos e receptivos possibilita e impulsiona um melhor desempenho nas tarefas. Acreditam que a relação acontece de maneira mais proveitosa e segura, possibilitando um ambiente de aprendizagem mais agradável e significativo.

Quando não há o estabelecimento de uma afetividade de maneira positiva, marcas são deixadas nas trajetórias dos estudantes e podem ser cruciais para seus percursos formativos e de conduta futura. Ao solicitarmos, por exemplo, que os participantes descrevessem situações mediadas por um professor que trouxeram implicações para sua postura enquanto estudante e futuro professor, foram descritas narrativas que denotam a importância da afetividade nesse processo, conforme observado nos excertos a seguir:

Eu vou logo no negativo, porque foi o marco assim bem forte que serviu para a questão de poder refletir a profissão docente e para minha vida pessoal em si. Tem um professor da universidade que ele é um excelente professor em questão de explicar o assunto, mas a forma metodológica de como ele aplica as questões de avaliar o aluno é totalmente incoerente com a prática pedagógica que ele diz que faz de forma correta. [...] praticamente quase 80% das pessoas não tiram uma nota boa na prova, e o pior que no caso ele não mostra a prova ao aluno, ele apenas lança a nota no portal. [...] o aluno fica se perguntando por que tirou aquela nota sem poder ver a sua prova... não pode ver a avaliação para saber qual foi o erro para ele poder consertar, simplesmente o professor fala que a gente não estudou, a desculpa dele é essa! [...] se a gente for questionar é capaz dele tentar reprovar a gente na disciplina e tal. (E.L.)

Eu não sou de Feira, eu sou de uma cidade próxima... [...] E aí, a gente teve avaliação e eu sempre precisei sair antes por causa do transporte...eu não sou uma das melhores alunas, mas eu sou uma aluna que participa, que faz leituras, que não falta, e aí a gente fez uma avaliação e essa professora já sabia dessa situação, e tanto eu como a minha colega, já que foi em dupla, a gente era de outra cidade, já tinha feito a prova só que não tinha tempo para passar a limpo a caneta. Aí eu expliquei: “Ôh pró, a gente pode deixar

a prova uma parte a lápis? Porque a gente tá sem tempo pra concluir de caneta e a gente aceita a correção sem direito a revisão” e ela não aceitou de jeito nenhum. [...] isso impactou negativamente ali naquele momento, porque eu fiquei muito chateada naquele dia, fiquei triste, impactou a minha nota, eu tinha acertado todas as questões só que tava de lápis e ela não aceitou entendeu?! Eu sei que é um documento oficial da universidade, e tal, mas era uma questão que poderia ser conversada ali sem problema nenhum. (J.C.)

Em contrapartida, observamos alguns relatos que trouxeram bons exemplos nessa relação de afetividade. Vejamos:

[...] outra forma positiva foi o professor chegar, sentar comigo e falar assim: “Qual é a sua dificuldade?”, “O que é que não tá dando certo?”, “Como é que a gente pode melhorar?”, “Você quer fazer isso?”, “Eu te ajudo, eu posso te dar esse apoio”. (T.R.)

Com relação à prática profissional, atitudes e hábitos, eu vi em professores e quis trazer pra minha vida. Vou citar dois: um é a postura que um determinado professor tem com relação ao estudo! A gente observa que ele parece ser uma pessoa rígida, centrada e tudo mais, mas na verdade ele é uma pessoa reservada. [...] mas ele é bem centrado no papel dele de professor. Então assim, teve um momento num seminário, era um seminário difícil, era um seminário lá pro fim do semestre e aí era aquela tensão de todo mundo querer passar e tudo mais. [...] ele sempre cobrava que no final de cada seminário a gente fizesse perguntas. E a gente combinou de não fazer perguntas, e algumas perguntas que a gente fez, fizemos combinado [...] E aí no dia do seminário [...], ele percebeu que as coisas estavam combinadas. E aí ele ao invés dele chegar e dar um esporro, e falar “Ah vocês combinaram, isso que vocês fizeram é totalmente negativo...” Ele usou aquela situação para poder incentivar a gente a tomar uma atitude diferente daquela que a gente tinha tomado. Ele chamou a gente pra conversar. [...] Enfim, eu me alonguei nesse exemplo porque foi bem marcante pra mim, no sentido de que além da postura do professor ser uma postura adequada, ele tem essa pegada de ao invés de punir, ao invés de ser crítico no sentido de colocar você pra baixo, ele sabe conversar... (M.N.)

Nesses relatos, evidencia-se a importância de, na relação professor/estudante, haver cumplicidade, acolhida, bom uso das palavras, horizontalidade e respeito, ações que muitas vezes podem parecer simples, mas que reverberam em grandes implicações no processo formativo desses sujeitos. No que diz respeito às situações negativas, notamos autoritarismo, verticalidade, insegurança, amedrontamento, abuso de poder, incompreensão e, em alguns casos, punição. Nessa relação educativa, os professores que utilizam de suas posições para exercer o poder acabam validando o estereótipo de superioridade, muitas vezes negando direitos de estudantes, como comentam Teixeira e Braga (2020),

É indiscutível que normas, regras, são características das instituições disciplinares e moldam comportamentos. A partir disso, direitos são assegurados aos estudantes, seja a revisão de avaliação, devolutiva de trabalhos com adequada justificativa, entrega das notas no devido prazo [...]. (TEIXEIRA e BRAGA, 2020, p.9)

Cabe ressaltar que tais direitos são assegurados pela universidade; no caso da UEFS, pela Resolução 46/2006 do Conselho Universitário (CONSU). Posturas abusivas e autoritárias rompem com princípios e valores basilares à profissão e não permitem uma boa relação afetiva. No entanto,

as implicações dessas situações, como bem citam os entrevistados, ainda que negativas, contribuirão para sua reflexão e ressignificação, além da não reprodução desses atos enquanto futuros docentes.

Nesse sentido, as intervenções realizadas pelos professores nessa relação educativa são primordiais para esses indivíduos, uma vez que estão em processo de formação e têm os docentes como referenciais de profissionalismo. Nos excertos apresentados, é possível observar a importância de um bom processo integrativo e de acolhimento às demandas dos estudantes.

Ao perguntarmos sobre o papel do professor na mediação da relação afetiva entre professor e estudante, observamos nas falas dos entrevistados que eles consideram o professor como o principal responsável por permitir que tal interação aconteça, como é observado nos relatos a seguir:

Eu acredito que todos os professores deveriam pensar nessa questão da afetividade. [...] acho que se alguns professores estivessem mais próximos da gente nessas questões, nosso aprendizado seria maior, mais gratificante. [...] quando não se tem isso, cria um certo bloqueio, e aí a aprendizagem não flui da mesma forma do que com aquele professor que já tem mais aquela aproximação. (H.L.)

[...] o papel do professor é até o mais fundamental, porque a gente enquanto aluno, a gente tem essa visão de que o professor está acima da gente, então às vezes a gente sente, não que seja bloqueado, mas retraído de poder ter essa aproximação, e vinda do professor para a gente dá muito mais confiança! [...] então o papel dele eu acho fundamental nessa questão. (L.A.)

Os relatos reconhecem o importante papel do professor na mediação da relação afetiva. Entre as falas, nota-se a conotação de superioridade ainda atribuída à profissão do professor, sendo esse um fator que limita a iniciativa de aproximação por parte do estudante, que espera do professor a abertura para se aproximarem. Os participantes relatam ainda que, a partir dessa abertura, conseguem se dedicar mais ao componente curricular, empenhando-se nos estudos e atividades, uma vez que o sentimento de afetividade construído possibilita um conhecimento das realidades tanto do professor como do estudante, impulsionando, assim, uma parceria para a melhora coletiva das relações e das aprendizagens, o que motiva e estreita os laços nessa relação (PEIXOTO; TRINDADE, 2020). Nota-se, também, que os discentes estão inclinados a contribuir para o melhor desenvolvimento das atividades acadêmicas. Os relatos evidenciam que, quando o docente possibilita o trabalho colaborativo e a participação efetiva dos estudantes na condução das atividades, os estudantes participam de forma mais ativa no processo de aprendizagem e na elaboração de seus saberes.

5 Narrativas dos estudantes sobre a relação da afetividade com a aprendizagem profissional

Apesar de a dimensão afetiva ser considerada fundamental no percurso formativo dos indivíduos, ela ainda ocupa um espaço periférico na atuação dos professores formadores. É importante que docente e estudantes reflitam cotidianamente sobre o processo educativo, visando uma melhor qualidade da aprendizagem e do ensino, buscando inter-relacionar esse processo ao campo da relação pedagógica e da dimensão afetiva, visto que, de acordo com Santos e Palma (2017), essa ação pode favorecer a aprendizagem significativa dos estudantes. Nesse sentido, identificando o professor como um colaborador na formação da profissão docente, perguntamos aos estudantes como as práticas destes podem inferir em suas futuras condutas como profissionais. Entre as narrativas, percebemos a responsabilidade atribuída ao professor como exemplo de profissional, conforme se constata nos relatos a seguir:

Eu acho que as práticas que os professores têm são essenciais, pra mim [...] Porque ser um professor é uma questão que você tem que trabalhar diariamente. Então, tudo que eu aprendi, grande parte foi vendo os meus professores fazerem. Não tem outra forma da gente aprender tão significativamente assim. Então se os professores são de um jeito, com a prática de um jeito, então a tendência é que eu me torne um professor com a prática semelhante à deles. Mas tem casos opostos, né? Tem alguns professores meus que tenho como exemplos negativos, então, eu vejo coisas na prática deles que eu não quero tornar parte da minha, e eu tenho que desviar ao máximo disso. Cerca de 80% do que sei como professor é influência dos professores que eu tive, negativas e positivas influenciam na minha. (M.N.)

Nota-se, no excerto, a referência dos professores como exemplos de profissionais, o que reforça a ideia de identidade docente que se constitui a partir da influência destes, cabendo aos estudantes a escolha da postura que pretendem adotar, como afirma PIRES et. Al (2017, p.48) “[...] a incorporação do que é a docência, das competências e das habilidades do professor, assim como da representação do que é ser este profissional, necessita ser percebida individualmente pelos estudantes.”

Entre os relatos, destacamos a fala do entrevistado E.L., o qual comenta sobre o próprio processo de formação inicial do professor que, vivenciando situações negativas, ao invés de refletir e ressignificar, acaba reproduzindo essas práticas em sala de aula,

[...] alguns professores na universidade que passam por algumas situações dessas e reproduzem, não para, reflete e muda sua postura, apenas é um espelho desses professores negativos que tiveram na sua graduação, aí tem alguns professores que são ruins [...] frutos dessa reprodução negativa. Mas tem alguns outros professores que são mais afetivos que tem mais questões positivas né?! As práticas deles de poder ter um olhar sensível sobre o outro, simpatia, poder explicar o conteúdo de forma mais clara, repetir caso for preciso, ou trazer várias metodologias diferentes não só aquela tradicional, mas poder utilizar muitos recursos metodológicos e pedagógicos. Isso são arcabouços tanto pedagógicos e metodológicos que podem influenciar a minha prática como futuro professor positivamente. (E.L.)

É evidenciado na narrativa que os estudantes têm um senso crítico sobre essas influências – tal questão parece ser algo já pensado e refletido por eles. É ressaltado que as contribuições positivas podem acontecer, mas que, ao se eleger as práticas do professor como influência, são necessárias reflexões e ressignificações. Sobre o desenvolvimento de ações no campo da afetividade e como essas ações favorecem a aprendizagem, comentam:

[...] tem professores que fazem algumas dinâmicas em grupo, algumas atividades antes da aula, [...] procura sempre fazer atividades que envolvam várias pessoas, para ter aquela troca de experiências, isso gera uma certa afetividade porque às vezes a gente não sabe daquele conteúdo, não sabe fazer aquela atividade e você naquela questão de se aproximar do outro né?! Eu acho que isso é uma questão afetiva [...] (H.L.)

[...] demonstrar afetividade através da preocupação com os alunos. Teve uma disciplina específica que elaborou um projeto, que um dos projetos dos estudantes foi até voltada pra essa questão da afetividade, da acolhida, da escuta também, e o professor gostou muito disso e foi trabalhando com a gente, ele tentou até levar mais pra frente. [...] E através desse projeto com os alunos, que teve toda essa elaboração que foi até para ser com outros alunos também, então isso na minha prática docente o que eu vou levar são essas questões que foram abordadas, de ser mais preocupado com o aluno, demonstrar mais carinho e conseqüentemente ser mais afetuoso. (L.A.)

Os participantes citam o diálogo como princípio para estreitar laços e permitir entendimentos. Os relatos evidenciam a disposição do professor em ajudar o estudante dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, registram que a demonstração de preocupação e de querer saber de seus processos formativos melhora a relação de aprendizagem ali construída, comunicando-se de forma mais próxima, ampliando o entendimento e a autorregulação da aprendizagem. Na maioria dos excertos observa-se uma compreensão de ações afetivas mais voltadas para o trabalho pedagógico do professor, o que nos leva a entender, segundo essa percepção, que, em uma prática pedagógica restrita à transmissão de conteúdos, pode não haver muita valorização da afetividade e das relações educativas.

Sobre as contribuições das ações afetivas para o percurso de construção da identidade docente, podemos perceber, nos relatos dos participantes, que elas influenciam nas reflexões dos estudantes no que diz respeito a pensar a profissão e a como querem agir, pois, ao vivenciarem essas atividades, passam a inseri-las na imagem de profissional que almejam ser. Tal visão reforça a concepção de que, em nossa construção identitária, os afetos mobilizam sentimentos que podem nos aproximar da docência. O encantamento da profissão passa pelo desejo de ser como aquele que nos ensinou, que nos afetou, que nos motivou a exercer a docência por nos permitir compreender a importância da profissão.

Foram atribuídas características de profissionalismo, representados pela compressão, atenção, cuidado, escuta e, principalmente, responsabilidade na mediação e domínio do conteúdo.

Os estudantes identificam os professores que são dedicados em sua profissão como referências; sentem-se acolhidos por aqueles que os entendem e manejam a aula para a compreensão da turma, que trazem seus conhecimentos da vida, que expõem o que sabem de forma contextualizada. Professores que exigem, mas que também se entregam nessa partilha.

6 A afetividade na prática docente

A aprendizagem na relação educativa pode ser carregada de sentidos e significados quando percebida a partir de uma relação afetuosa entre os atores educacionais. O afeto precisa ser compreendido como um saber essencial para o percurso formativo dos indivíduos. Tendo em vista tal perspectiva, os docentes podem possibilitar a prática afetiva em seu cotidiano não apenas com o cuidado e a acolhida, mas também apresentando estratégias colaborativas e participativas aos seus estudantes, exercendo o ofício com profissionalismo, visto que esses estudantes estão a todo momento avaliando as ações de seus professores, adotando-os como referência (MOTA, 2017). Frente a essa dimensão, perguntamos aos participantes quais aspectos da afetividade são perceptíveis na relação professor/estudante:

A responsabilidade, o olhar sensível, a compreensão, o carinho que não precisa ser necessariamente um abraço, um beijo, mas pode ser traduzido de outra maneira, uma flexibilização de alguma coisa, eu acho que é nesse sentido. (J.C.)

[...] essa questão da preocupação, no sentido de acolhida, de saber como a pessoa tá, como foi o final de semana, “Você tá bem?”, “Tá com algum problema?”, “Você tá conseguindo compreender tudo que tá sendo passado na aula?”. Exemplo, eu quando conheci meu professor a gente construiu um laço de amizade, então os traços da afetividade nesse laço que a gente construiu, não tenho isso com todos os professores, mas alguns a gente consegue ter esse laço e ter essa afetividade. (L.A.)

É a paciência dele perceber no rosto de um aluno que ele não tá entendendo e perguntar, ou às vezes nem perguntar e já explicar de novo. [...]. Existem professores que têm um certo afastamento com relação aos alunos e nem se importam, ele passa por aquilo, ignora aquilo e deixa o aluno se resolver no momento de avaliação. [...] entender que cada aluno tem o seu ritmo, que quarenta pessoas numa sala de aula cada aluno vai aprender de determinado ritmo e de determinada forma, em não poupar esforço e nem tempo para poder dedicar a ensinar ao aluno que não está entendendo [...]. (M.N.)

De acordo com os relatos, os aspectos perceptíveis se configuram como empatia, respeito, segurança, compreensão, responsabilidade, cuidado, acolhida, entendimento, olho no olho, preocupação, olhar sensível, escuta sensível, amor, amizade, troca, apoio, carinho. Os participantes identificam esses aspectos nas relações entre professor e estudantes, considerando como importantes e observáveis nas experiências com seus professores. Sobre como essa afetividade é manifestada com os professores do curso Educação Física da UEFs, relatam:

[...] eu acho que nem todos os professores de educação física tem uma afetividade com os estudantes. Esses poucos que se preocupam com os estudantes, não só a formação, mas de uma forma geral, eles ajudam, são carinhosos, incentivam, motivam. Contribuem em evento de divulgação, incentivando o estudante a sempre estar buscando formas de aperfeiçoar sua formação acadêmica. [...] tem muitos professores mesmos que são como pai e mãe para alguns estudantes. (E.L.)

Para mim as relações afetivas são mais visíveis fora da sala de aula, essas relações tornam-se assim mais forte [...], no momento que está ali na sala de aula tá mais voltada para questão da aprendizagem, mas fora, em outros espaços, a gente percebe uma maior abertura dos professores para com os alunos, de ter essa troca de experiências, de ter um olhar mais carinhoso, uma empatia, [...] brincadeira, sentimentos que ele geralmente não demonstram ali na no ambiente de aprendizagem né, na sala de aula. (L.S.)

Sobre a percepção da participação dos professores e do seu interesse na aprendizagem dos estudantes, a participante T.S comenta:

A afetividade é demonstrada a partir da participação dos professores nas aulas práticas, no entendimento... por exemplo, nas aulas que não eram EAD, os professores perguntavam, perguntam ainda, mas tentavam passar o conteúdo para o entendimento de todos, e conseguiam focar nossa atenção, naquilo ali, no tema. E também o entendimento de [...], o aluno chegou atrasado por tal motivo, a compreensão em si, e também a interação, a comunicação entre o professor e o aluno, de não só chegar na sala passar a aula, e voltar pra casa, alguns professores tinham aquela comunicação de chegar na aula, “E aí como é que tá? Como foi o final de semana?”, eu acho que isso é legal porque o professor não tá só interessado em passar só o tema, ele quer ter uma boa qualidade com o aluno, não só o tema mas também de seu contexto. (T.S.)

Como o excerto evidencia, a manifestação afetiva parece predominar no curso de Educação Física nas atividades práticas. O curso de Educação Física é composto por uma carga horária teórica e outra prática. De acordo com os participantes, são nesses momentos práticos que a afetividade se manifesta de forma potencializada, pois eles se sentem mais próximos do professor, interagem mais uns com outros, sendo despertado o senso de coletividade no qual todos participam, inclusive o professor, gerando, assim, uma troca de experiências no momento em que podem vivenciar o conteúdo. Tal manifestação é identificada no relato de M.N.:

[...] como a gente tem aulas que tem uns aspectos mais prático, tem um aspecto mais de vivenciar o conteúdo, acho que a Educação Física tem uma peculiaridade no sentido de que estamos trabalhando o corpo em seus diversos aspectos. Então diferente dos outros cursos, acredito que entre a maioria dos cursos, a Educação Física tem essa possibilidade de demonstrar a afetividade para além das palavras, tem a possibilidade, por exemplo, [...] dinâmicas com relação a abraçar, a tocar no corpo do outro, às vezes os conteúdos têm muito da demonstração de afetividade no sentido da cooperação, a competitividade, pois é possível demonstrar afetividade até competindo com outra pessoa, de forma respeitosa, sempre. Então a Educação Física puxa muito para o lado da afetividade. (M.N.)

O mesmo estudante acrescenta uma diferença de comportamento que pode depender do componente curricular e da condução do professor:

[...] mas na minha opinião isso acontece muito a depender do professor, tem professores que sabem fazer dinâmicas na aula, que sabem expor suas ideias e materializar as aulas de maneira que incentive a afetividade dentro da aula dele, e tem professores que veem isso como um problema e fogem desse problema. [...] existe afetividade no curso de Educação Física, mas varia de professor para professor, de disciplina para disciplina, de dinâmica para dinâmica. (M.N.)

Sobre essa dimensão importante das ações afetivas, cabe o destaque da “dança circular”, mencionada pelos estudantes entrevistados como uma prática afetiva que integra aqueles que participam e que, segundo eles, promove um grau de afetividade e uma partilha de energias positivas que marcam suas trajetórias. Quando solicitados a exemplificar ações afetivas realizadas pelos professores consideradas fundamentais para serem aplicadas nas suas atuações como futuros docentes, relataram:

[...] ter sempre empatia, se colocar no lugar do outro, sempre entender o lado do outro, do estudante, não ser somente a razão de tudo. O outro exemplo é saber o público que eu vou atender, e caso algum deles apresentar alguma necessidade de ajuda, poder contribuir, incentivar, motivar o estudante na questão de escolha profissional ou então de elaborar um projeto, levar propostas lúdicas e pedagógicas diversificadas né?! Para tornar as minhas aulas mais dinâmicas, passar o conteúdo de forma clara, mesmo o conteúdo sendo às vezes um pouco denso, se eu tenho uma noção que vai ser desmotivante, tentar elaborar uma estratégia para poder passar para os estudantes, para eles poderem fixar, sempre nesse sentido de estar preparado para lidar com o outro. (E.L.)

O que eu já vou levar para minha prática docente é o que eu vejo como exemplo dos meus professores, que é essa questão de demonstrar empatia pelos alunos, a preocupação com a aprendizagem, conhecer melhor aluno para eu conseguir perceber se alguma coisa está errada, e dar abertura para que os alunos me vejam não só como uma professora, mas como alguém que está ali, dando apoio para eles, no que for do meu alcance. (L.A.)

Os estudantes listaram uma série de ações afetivas, entre elas: mostrar-se parceiro, amigo e não rival; ser atencioso no olhar e no ouvir; se preocupar com o conhecimento do estudante, mas também com o seu contexto, com a sua origem; saber quais as dificuldades ele enfrenta diariamente; dispor-se a ajudar, perguntar, ouvir e saber ouvir; saber modificar, adequar, diversificar e demonstrar; colocar-se à disposição, apoiar, motivar e estimular. Percebemos, nos relatos, que tais ações se acentuam por ser aquilo que eles veem nas atitudes de seus professores, sejam negativas ou positivas, de forma que se espelham, ressignificam e adotam para si.

Identificamos que os participantes consideram a afetividade como elemento crucial da prática docente; que, sendo permeada na dinâmica de ensino, pode propiciar uma relação mais próxima e espontânea, contribuindo sobremaneira para o melhor desempenho do fazer pedagógico e das aprendizagens. Reiteramos que tal ação só é possível mediante a prática docente organizada, intencional e carregada dessa dimensão humana e afetiva, sendo o professor o grande colaborador desse percurso formativo, ao mobilizar seus estudantes para a docência e motivá-los no processo de formação acadêmica (MOTA, 2017).

7 Considerações finais

Através dos achados da pesquisa, pudemos identificar que a dimensão dos saberes da afetividade na relação professor/estudante é reconhecida, valorizada e identificada pelo grupo participante como relevante no processo de ensino e aprendizagem, tendo implicações para o cotidiano da sala de aula. Saberes como cuidado, acolhida, carinho e atenção são destacados através das narrativas dos estudantes como valores afetivos presentes nas práticas educativas desenvolvidas pelos professores.

Ao analisar as implicações da afetividade no processo de aprendizagem profissional dos estudantes do curso de Educação Física da UEFS, observamos que ela se apresenta em ações cotidianas que são atentamente observadas pelos estudantes. O trato da dimensão afetiva reverbera na identificação dos estudantes com o professor no que diz respeito às condutas responsáveis, à atenção, ao profissionalismo e à seriedade que os docentes demonstram na atuação da profissão. É perceptível que aqueles professores que exercem a afetividade em suas ações servem de referência e inspiram os estudantes em sua construção de identidade profissional.

Também identificamos nos achados que os elementos da afetividade que estão presentes na relação professor/estudante são diferenciais no processo formativo e no curso, estando imbricados na prática afetiva que os indivíduos desenvolvem e em suas relações.

Diante desses elementos, percebemos que as implicações da afetividade entre professores e estudantes no processo de aprendizagem profissional e na construção da identidade docente no curso de Educação Física da UEFS se dão na melhor aquisição dos conhecimentos no que tange aos saberes do fazer docente e da identificação e assimilação daquilo que é essencial para o exercício da profissão, seja no domínio do conhecimento, nos conhecimentos didático-metodológicos e, principalmente, na humanidade e no cuidado com o outro.

Compreendemos, assim, que as representações que os estudantes de Educação Física produzem sobre afetividade na relação professor/estudante estão alinhadas aos princípios obtidos na literatura, em que se percebe a afetividade como um eixo propulsor de saberes e que traz implicações na aprendizagem profissional e na construção da identidade docente.

Referências

- BAHIA, Governo do Estado. *Decreto N° 19.528 de 16 de março de 2020*. Institui, no âmbito do Poder Executivo Estadual, o trabalho remoto, na forma que indica, e dá outras providências. Salvador, Palácio do Governo do Estado da Bahia, 2020. Disponível em: <http://www.saude.ba.gov.br/2020/03/17/decreto-institui-medidas-temporarias-para-enfrentamento-da-emergencia-de-saude-publica/>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei Federal nº 9.394/96. Brasília: MEC: 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf. Acesso em: 13 nov. 2020.
- GHEDIN, Evandro Luiz; FREITAS, Liliane Miranda. Narrativas de formação: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. *Revista Contemporânea de Educação*, vol. 10, n. 19, janeiro/junho de 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1929>. Acesso em: 15 out. 2022.
- LUZ, Líbia Araujo da; RAMOS, Evódio Mauricio Oliveira; RIBEIRO, Marinalva Lopes. A relação professor e estudante e as implicações na docência universitária: mapeando estado questão. *Anais Educon 2020*, São Cristóvão/SE, v. 14, n.10, p. 1-14, set. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13726/18/17>. Acesso em: 16. jun. 2022.
- MATOS, Telma Sara; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni; BORGES, Maria Celia. Formação de professores de Educação Física: identidade profissional docente. *Conhecimento & Diversidade*, [S.l.], v. 8, n. 15, p. 47-59, jun. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Vilma-NistaPiccolo/publication/311552954_Formacao_de_professores_de_Educacao_Fisica_identidade_de_profissional_docente/links/5b6ce568299bf14c6d97dd70/Formacao-de-professores-de-Educacao-Fisica-identidade-profissional-docente.pdf. Acesso em: 16 nov. 2020.
- MINAYO, Maria Cecília Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: DESLANDES, S. F; GOMES, R; MINAYO, M. C. S (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 61-77.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise Textual Discursiva*. 3. ed. rev. e ampl. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2016.
- MOTA, Clebson dos Santos. A influência da relação afetiva entre professores e estudantes do curso de educação física da UEFS no processo de formação acadêmica. 2017. 154f. (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2017. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoconclusao/viewtrabalhoconclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5117282. Acesso em: 18 dez. 2020.
- OLIVEIRA, Jeiziane da Silva; RIBEIRO, Marinalva Lopes; LUZ, Líbia Araujo da. O que dizem graduandos sobre a relação professor e estudante curso de letra vernáculas. *Resumos Educon 2020*, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 10, p. 1-3, set. 2020. Disponível em: <https://acrobat.adobe.com/link/review?uri=urn:aaid:scds:US:4c3c0ecb-af7f-3e8d-b7fa-8acd92be0c2e>. Acesso em: 22. ago.2022.

PEIXOTO, Vanessa da Silva; TRINDADE, Rosaria da Paixão. Motivação e aprendizagem no Ensino Superior: como a metacognição pode ajudar os estudantes a se motivarem. *Anais Educon* 2020, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 10, p. 1-15, set. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13726/30/29> . Acesso em: 23 jan. 2023.

PIRES, Veruska, et. al. *Identidade docente e educação física: Um estudo de revisão sistemática*. *Rev. Port. de Educação* [online]. 2017, vol.30, n.1, pp.35-60. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872017000100003. Acesso em: 12 de nov. 2020.

RAMOS, Evódio Mauricio Oliveira. Professores bacharéis da saúde: trajetórias de profissionalidades docentes. (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/ppgewp/wp-content/uploads/sites/29/2016/03/Tese_Evodio-Mauricio-Oliveira-Ramos.pdf. Acesso em: 15 out. 2022.

SANTOS, Flávia Regina Schimanski dos; PALMA, Ângela Pereira Teixeira Victoria. Formação inicial de professores em educação física e a construção da identidade profissional docente. *In: Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar*, 8º, 2017, Londrina - PR. Anais. – Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. 1 Livro digital. p.1-14. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/conpef/portal/pages/arquivos/ANAIS%20CONPEF%202017/formacao%20de%20professores%20130790-19892.doc.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.

TEIXEIRA, Lorena de Amorim Santos; BRAGA, Maria Cleonice Barbosa. As formas do exercício de poder na relação professor-aluno no Ensino Básico e Ensino Superior: perspectiva de estudantes do curso de história da UEFS. *Anais Educon* 2020, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 3, p. 1-12, set. 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13786/31/30>. Acesso em: 22 dez. 2022.

UNIVERSIDADE Estadual de Feira de Santana (UEFS). *Resolução CONSU 46/2006*. Disponível em: http://www.dexa.uefs.br/arquivos/File/Resolucoes/Resolucao_cons_u_46_2006_Trata_de_Avaliaco.es.pdf. Acesso em: 05 maio. 2021.